

Germinal



N.º 16—ANO I
25 de Abril de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.
(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.)— Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

O Congresso de Ferrol

Segundo as notícias que pelos nossos colegas da imprensa revolucionaria nos vem de Espanha, parece que o congresso de Ferrol será muito concorrido, havendo grande entusiasmo pela sua realização, a qual, como se sabe, deve ter logar nos primeiros dias do mez proximo.

Já uma vez, pelo menos, aludindo a este congresso, dissemos no *Germinal* que bom seria que dêle pudesse resultar algum bem para as relações entre os proletarios portuguezes e espanhois, manifestando-se por todas as formas, de modo a que dêlas resultasse uma afirmação pratica de solidariedade para a defeza de direitos e conquista de regalias que a todos interessassem.

Quanto mais não fosse, isto bastaria para que não houvesse duvidas sobre a nossa aprovação á realização do congresso. Mas não só por aquêla razão, supomos que o congresso pode ser util, embora aquêle resultado se nos afigure o mais importante e o menos difficil de obter, desde que, o que se não deve pôr em duvida, haja boa vontade de ambos os lados. Alem da vantagem que ha sempre em se alargar a esfera das relações entre camaradas, e que é comum a todos os congressos, ha ainda neste, a que pode resultar duma serena e elevada discussão de ideias sobre a attitude a tomar pelos revolucionarios em face da conclusão da paz e sobre a orientação a seguir no futuro, no que respeita á propaganda anti-militarista.

Mas porque assim pensamos, não queremos as nossas palavras dizer que estejamos entusiasmados com o congresso, convencidos de que êle vae ser um feliz acontecimento para as ideias que defendemos. Se admitimos e

desejamos que ele seja util, tambem admitimos e tememos que todo ou quasi todo o trabalho possa resultar inutil.

Se assim falamos, não é pelo prazer, que não temos, em esfriar entusiasmos, ou para nos salientarmos com receios por outros não sentidos; é porque continuamos convencidos de que estamos num momento da evolução das nossas ideias, em que é preciso dizer tudo que se pensa, porque alem de tudo o mais, trata-se dum momento de afirmação de stititudes perante os acontecimentos que surgem.

Por este motivo, com toda franqueza dizemos que, se no congresso se seguir a orientação que os seus organisadores teem manifestado até agora, com os fins que atribuiram á reunião e os meios indicados para os atingir, esta resultará completamente inutil, tendo-se mais uma vez gasto, em pura perda, tempo, energias e dinheiro. E peor será, se ao mal daquela orientação se juntar a oratoria inflamada, os discursos sem fim, as afirmações ousadas sobre o que se pretende e a possibilidade de o pôr em pratica.

Esperamos que assim não será e que os congressistas, pondo de parte os fins e os meios preconizados pelos organisadores do congresso e encarando-os apenas como um motivo, embora mal escolhido, da sua realização, se occuparão, sem grande eloquencia, com prudencia e clareza, de alguma coisa pratica, concreta, de possivel realização.

Tarrida

Formou-se em Londres um comité, que tem já bastantes adesões em Paris, na Italia, Suissa e na Espanha, para obter socorros immediatos em favor da viuva e de quatro filhos de Tarrida del Marmol.

A PROPOSITO DA GUERRA

Os anarquistas e a guerra — Operarios alemães e operarios ingleses
O desmembramento da Alemanha.

«Numa serie de artigos na *Bataille Syndicaliste* tem Jean Grave defendido e explicado porque defende a «participação dos anarquistas na resistencia á agressão alemã», por uma forma tão clara e tão convincente, que só as arcaicas dimensões do *Germinal* e a multiplicidade de assuntos teem impedido que os reproduzamos. Mas a carta que elle dirigiu ao jornal italiano *Liberario* (*Bataille Syndicaliste*, 11-4-915) pareceu-nos tão interessante, que vamos reproduzi-la, com as palavras de que J. Grave a faz preceder e que são mais uma concordancia com o que no *Germinal* temos dito.

«Tenho tanto empenho em que os camaradas não se equivoquem sobre as razões que me fazem aprovar a participação dos anarquistas na resistencia á agressão alemã, que aos quatro artigos que a *Bataille* acaba de publicar sobre o assunto, desejo juntar a carta que segue, que eu tinha dirigido aos camaradas do *Liberario* para bem aclarar esta questão. Eu desejo sobretudo, que se compreenda que esta participação na defesa não implica de modo algum, da parte dos anarquistas, uma aliança com os homens do poder, nem o abandono de qualquer das no-sas reivindicações, nem uma adesão á politica governamental. Um desastroso concurso de circunstancias faz com que nos encontremos do mesmo lado da barricada; o fosso que nos separa continua sempre aberto.

«Camaradas do *Liberario*:
(*Seis linhas de censura*).

«Em primeiro lugar, agradeço vos terdes-me franqueado as columnas do vosso jornal, permitindo-me assim exprimir o meu pensamento; permiti no entanto que vos diga que vos enganais por completo, attribuindo-me uma ingenuidade que já não possuo, supondo-me presa de illusões que voaram ha muito».

(*Sete linhas de censura*).

«Mas se sob o ponto de vista filosofico todos os governos se equivalem, na realidade o triunfo do militarismo prussiano teria sido um recuo, um serio recuo para a humanidade. O que nos deixará esta guerra? Quem o pode dizer? Mas o que é certo é que se o estado maior alemão tivesse podido impunemente esmagar a Belgica e a França, seguir-se-ia a vez da Inglaterra, depois a das outras nações, o militarismo triun-

fante durante seculos, talvez, em toda a Europa. Com revoluções provavelmente; mas revoluções de nações querendo libertar-se do jugo estrangeiro. Era a questão economica adiada por não sei quanto tempo.

O perigo mais immediato era o (*sema linha de censura*) triunfo do militarismo. E' a militarização da Europa que se precisava impedir. Não podendo desembaraçar-nos dos nossos senhores, não era isso razão para nos submettermos, inertes, ao capricho de um agressor. Neste caso bastava ser descarado para ter razão. Eis porque eu acho que os anarquistas que se juntaram aos que resistiam contra a agressão alemã, procederam bem.

Sem duvida, o governo francês dá provas dum absolutismo intoleravel e duma estreiteza de vistas imperdoavel; mas o que é certo é que quando o solo francês estiver livre do invasor, o governo já não terá a desculpa da salvavão publica para manter a censura e ver-se-á forçado a levanta-la. O que o publico hoje aceita—estupidamente, é certo—porque lhe fazem soar aos ouvidos as grandes frases, não o aceitará sempre tão benevolamente. Os que se tiverem batido terão o direito—e saberão exercer-lo—de dizerem de sua justiça.

O que é certo tambem, é que se os anarquistas continuam a envolver-se no manto dos principios, deplorando os males da guerra, mas não sabendo que fazer para ajudar os outros a sahir dela, perderão contacto com a opinião publica, visto a hora não ser de pregação, mas de acção. A guerra estando desencadeada, só pode ser detida pela derrota do agressor ou pelo esmagamento do imperialismo pelos nossos camaradas alemães.

Se queremos ser ouvidos pelos que se batem, é preciso que estejamos com eles na luta contra o que eles consideram—e é o com efeito—ser um perigo. E' nos preciso agitar a opinião para impedir que politicos e diplomatas nos arranjem uma paz que deixaria a Europa num mal-estar constante.

Mas para isso é preciso não desertar da luta. Isolados, não seremos escutados. Existe uma opinião publica em França, que pode neste momento estar muda, mas que não deixa por isso de existir; opinião que é preciso despertar, que actua fortemente em Inglaterra (e que de resto existe em toda a parte onde ha homens que pensam) para que a futura paz seja uma reconciliação entre os combatentes, se os nossos camaradas alemães souberem desembaraçar-se do seu imperialismo e do seu militarismo que são tão deprimentos para eles como pa-

o resto da Europa; para que se produza enfim, o desarmamento, por mutuo consentimento, o fim do militarismo.

Simplesmente, para ter o direito de falar, é preciso dar aos que se batem mais alguma coisa do que discursos; é preciso lutar com eles. E' por esta razão, e só por esta razão, que eu estou com os nossos camaradas que se batem, não sendo os governos senão uma fatalidade que eu soffro, enquanto não nos podemos livrar d'elles.

Como pudestes julgar, que por um só momento eu acreditasse que governos pudessem ser capazes de nos ajudar a conquistar a liberdade? E' contra elles que nos devemos libertar. Infelizmente elles não são uma abstracção que se desfaça com um raciocínio, mas uma realidade com que é preciso contar. Os governos exercem o seu mister de politicos como podem; competem, a nós, exercer o nosso mister de homens livres, que pensam, julgam e apreciam, sabendo desembaraçar-nos das formulas completas para proceder segundo as circunstancias».

Paralelo entre o operariado alemão e o operariado inglés, antes da guerra, traçado pela socialista revolucionaria Sorgue.

«Por toda a parte onde tomei a palavra, procurei sobretudo mostrar o estado de espirito que reina nos sindicatos alemães e quanto elle difere do das organizações inglesas.

Não padece duvida, com efeito, que se os operarios alemães tivessem dado, no decorrer destes ultimos anos, a menor prova sincera das suas disposições pacifistas, os ingleses, como os franceses, estariam prontos para tudo a fim de se oporem á guerra. Mas todos nós sabemos agora que muitos d'elles se contavam entre os mais fieis adeptos do imperialismo. Se em todos os congressos elles se ergueram contra a greve geral, é, fora da duvida, porque temiam o emprego d'esse meio pelos trabalhadores dos transportes, como o mais eficaz contra uma mobilisação. E nem sempre se limitaram a uma opposição teorica. Viu-se no congresso dos transportes de Copenhague: O inglés Havelock Wilson sustentou a ideia de uma greve geral e internacional dos marítimos, e o alemão Muller qualificou a sua proposição de ridicula — nada menos. Este expoz a opinião de que os ingleses eram incapazes de dirigir semelhante movimento; e terminava o seu discurso por uma copiosa apologia do socialismo e sindicalismo alemães, quando o representante das organizações americanas o interrompeu: — «Nós conhecemos muito bem a famosa consciencia dos vossos socialistas e dos vossos sindicalizados. Quando fizemos a nossa greve dos Grandes Lagos, donde foram os amarelos?»

Da Alemanha, e todos com o seu bilhete de identidade de socialistas e sindicalizados, na al-gibeira». Foi, de certo, quasi isto mesmo o que se deu por ocasião da grande greve de Antuerpia.

«Que diferença na Inglaterra! Conheço a fundo o movimento operario inglés. Vivi no

meio das suas organizações, frequentei os seus militantes, e maravilham-me os recursos de toda a especie que ha nêle. Nenhum é mais fértil em promessas. Não vimos todos a sua recente evolução para os nossos metodos de acção directa? Durante esse tempo, a Alemanha operaria perdia cada vez mais o espirito revolucionario. Que admira, pois, que no momento em que a Internacional devia fazer sentir a sua força, ella tinha falido lastimosamente!»

Sem embargo, no segundo ou terceiro mês da guerra, havia entre os anarquistas quem a considerasse como a sentença de morte do velho partido social-democrata, e acrescentasse: «Sempre disse que na Alemanha era impossível uma revolução; agora, de todo mudada a minha opinião, digo: da Alemanha e unicamente da Alemanha virá o primeiro signal!»

De um artigo de L. Jouhaux:

«Ousamos afirmar que todas as ideias de desmembramento da Alemanha servem mais a causa do Kaiser e do militarismo alemão, do que a civilisação.

Não queremos esquecer a lição da historia. E ella nos ensina que uma nação vencida pelas armas e submetida á vontade exclusiva e arbitraria do seu vencedor, procurou sempre um desejo de desforra, a possibilidade de se subtrahir a essa tutela humilhante.

Seríamos loucos se não compreendessemos que, para que esta guerra seja a ultima das guerras, é necessario que ella não deixe atraz de si nenhum sentimento de desforra. Para isso é preciso que durante a guerra ou depois, o povo alemão possa realizar as transformações politicas profundas que se impõem. E' preciso que todos os povos encontrem na atmosfera moral que os aliados devem propagar a travez do mundo, um estimulante para apressar a queda do imperialismo e a sua substituição por um regimen democratico.

Constituindo a Alemanha imperial um perigo, a Alemanha democratica, com o seu senso maravilhoso da organização e da vulgarisação, constituirá um elemento de progresso, principalmente quando, em consequencia da transformação politica operada, o seu espirito se tiver depurado de toda a ideia de superioridade e de hegemonia.

Queremos que desapareçam do mundo os germens, todos os germens de guerras futuras; e não é com uma Alemanha humilhada que isto obteremos, mas com uma Alemanha regenerada por uma revolução popular e desembaraçada de todo o cunho imperialista.

É mais difícil impedir de ser governado do que governar os outros.

La Rochefoucauld.

Primeiro de Maio

Em Lisboa

A comissão organizadora da manifestação do 1.º de Maio, por parte das classes metalurgicas, resolveu conservar-se em sessão permanente, para atender todas as associações que se lhe dirijam para este fim; e deliberou fazer publico que o programa que elaborou não tem o caracter de uma manifestação festiva, mas sim de caracter reivindicador e de protesto contra os açambarcadores dos generos de primeira necessidade e ganancia dos senhorios e, finalmente, de solidariedade para com os povos do mundo, afirmando assim o sentimento pela perda de tantas victimas da guerra actual e fazendo votos pela paz, condição basilar do progresso e civilização.

Esse programa é o seguinte:

Pelas 8 horas será inaugurada a bandeira federal, com assistencia dos representantes das associações metalurgicas; as 10,30 efectuar-se-ha uma sessão, para a qual serão convidadas todas as associações metalurgicas do país a enviar delegados, sendo apreciada a seguinte ordem do dia: A — Reivindicações corporativas; B — Aignerra, votos pela paz; C — Carestia da vida. A's 21 horas será dada posse á comissão administrativa da Federação Nacional, seguida de uma conferencia por um dos membros da classe metalurgica. Nesse dia será publicado um numero unico do «Eco Metalurgico», que será enviado a todas as organizações do país.

A comissão de propaganda da União dos Sindicatos Operarios iniciou no dia 18 as suas sessões.

Crise de trabalho

Ha quem diga que no Porto mais de 25.000 operarios manufactores de calçado ficarão dentro em pouco desocupados por falta de materia prima. E' um aspecto.

Outro aspecto, este agora de Lisboa, colhido numa entrevista:

A Empresa Industrial, de Santo Amaro, dá quatro dias de trabalho semanal aos caldeireiros e serralheiros civis e ja despediu 200 operarios. Nas secções mecanicas, o trabalho não vai além de cinco dias; os fundidores trabalham quatro e foram despedidos uns trinta que ha meses soffrem cruciante miseria... A fabrica Colares juntou-se á Vulcano e despediu quarenta operarios, alguns com muitissimos anos de casa, e está dando cinco dias de trabalho por semana aos restantes. Outros estabelecimentos fabris importantes, não falando já dum grande numero de pequenas oficinas, lutam com as mesmas dificuldades. Pode dizer-se que cerca de mil metalurgicos estão hoje desocupados...

Inquerito do «Caixeiro»

No intuito de saber o que vai pelo país acerca da regulamentação do horario do trabalho, o jornal *Caixeiro*, de Lisboa, no seu numero de 5 do corrente, publica um questionario dirigido aos empregados do commercio, de quem esperá respostas breves, mas claras e terminantes.

Dicionario subversivo

(Continuado do n.º 15)

CONFERENCIA DE HAIÁ — A revelação de um espirito novo ou então uma pobre facecia inventada para entretenimento dos basbaques.

CONQUISTA DOS PODERES PUBLICOS — Expressão com que enchem a bôca os partidarios do socialismo parlamentar. Quere dizer... Mas espera. A conquista do poder pelos socialistas é, na formula feliz de Kropotkine, a conquista dos socialistas pelo poder.

CORAGEM MILITAR — Parece que um psicologo a definiu «uma fuga para a frente». Está certo?

CREDITO — Alguem disse: É uma excelente coisa que aproveita áqueles que não precisam d'êlo.

CRETINISMO PARLIAMETNAR — Assim classificou Karl Marx certa doença, — «Doença terrivel que dá aos pobres de espirito, pouco habituados ao exito, a convicção de que o mundo, a sua historia, o seu futuro, são governados pela oratoria de meia duzia de pobres diabos ou de velhaquetes paltadores; doença que leva os desgraçados á convicção de que tudo quanto se passa fóra da sala em que discursam — guerras, descobertas scientificas, transformações da industria e commercio, numa palavra, o que póde realmente influir nos destinos da humanidade — é zero, em comparação com as lérias, as emendas, as moções e as propostas provocadas por qualquer projecto ou declaração ministerial,» diz a «Luta» do sr. Brito Camacho.

Parasitas e indolentes.

Os proprietarios reuniram ha dias, e depois de mostrarem o seu amor pela politica conservadora e reaccionaria, aprovaram as palavras de um d'elles, o sr. visconde de Coruche que, entre outras coisas, disse que era util o voto obrigatorio, para os proprietarios tratarem melhor dos seus interesses, porque «são naturalmente indolentes.»

Naturalmente indolentes! Vandervelde, actualmente ministro, já lhes chamou os parasitas sociais por excelencia.

Reclamam estes senhores o voto obrigatorio e desejam ver representado no parlamento o valor da propriedade, tudo para maior defeza dos seus legitimos interesses e direitos... de indolentes por natureza e parasitas de profissão.

James Guillaume

A *Bataille Syndicaliste* de 7 deste mês informa que este velho revolucionario, atingido de uma doença nervosa, partira de Paris para o seu país natal, a Suíça, onde dera entrada numa casa de saude de Neuchâtel.

Poente de Junho

Sentia-me exausto naquela tarde. Verdadeiramente aturdido, encontrava-me incapaz do menor raciocínio. O cérebro extenuado recusava-se ao estudo. As ideias vinham-me confusas, em aranhadas, disformes, como envolvidas por espesso véu de neblina.

Oprimia-me a necessidade de isolamento, de me alhear, não sentir, de me engolfar num espectáculo que me aturdisse, me fizesse sonhar, esquecer, restituindo-me a perda coragem e a lucidez do meu cérebro.

Um espectáculo a um tempo grandioso e surpreendente que se me impusesse pela beleza e magnificência; me atordoasse pelo imprevisível e me absorvesse pela magestade.

Sai. Fui ao Monte assistir àquêle fim de dia desta tarde ridente de Junho.

A meus pés, coleante e rumorosa, estendia-se a cidade maldita.

À esquerda, topetando co'as nuvens que se acastelavam em guerras longínquas, tintas de sangue rubro de mil torneios gigantes, espriava-se o Tejo num espreguiçamento indolente.

Em frente erguia o Monsanto, o vulto taciturno, coifado de chamas, candentes como metais, que invadiam a cidade, pondo manchas áureas de tonalidades argêntas esbrazeadas, nos telhados das mansardas.

E toda a cidade parecia converter-se num enorme brazeiro.

Pairava no ar um germe de vida fecundo e sentia-se o estalar dos embriões das gerações vindouras que existiam latentes nas cinzas da grande cidade.

Um sópro de vida chegava até mim...

Completamente imerso nesta visão, num arroubamento, ali me quedava, o peito opresso, o olhar perdido, as faces congestionadas, soltando de quando em quando frases incompreensíveis...

Dêste encanto me tirou Antero, o meu velho e lial amigo.

Há muito que me examinava sem o pressentir. Tinha notado o dilatamento de minhas pupilas, o fulgor desusado do meu olhar, a contracção espasmódica de minhas faces; ouvira os sons ininteligíveis que proferia; entrevira os tremores que me agitavam; compreendera a ideia que me dominava; e, batendo-me no ombro, dissera:

—«Socega, sonhador. O teu imaginar é irreal».

Voltei-me estupefacto.

Ele continuou: —«Sonhavas. Vias a cidade da crápula e do vício, da miséria e do

estupro, contorcer-se em esgares funambulescos, nas vascas do estertor, no espasmo da agonia, abrazada, calcinada, enquanto das suas cinzas brotava outra rejuvenescida, bela, sã, pacífica e laboriosa.

«E logo na tua mente de incorrigível fantasista ideaste um braço potente que a tivesse derruído, dinamitando-a.

«E prontamente glorificaste êsse braço que, sem reparo pelos inocentes que nela se albergavam, a derruía, a esfrangalhava, para nos seus escombros levantar a cidade futura, do Trabalho e do Amor.

«Fantasiavas-ta êsse herói e refervias em ódio e espumava de raiva.

«Pobre louco, que não vê que o Ódio é um sentimento inerte, de destruição, de Morte e por isso não pode gerar vidas... Antero, jacaço a Morte não é um despertar de vidas, um desabrochar de esperanças? Lá diz o poeta:

Não chores, companheira, o meu sofrer...
A Morte não é mais que resultante
De forças que, actuando a cada instante,
Ruem corpos p'ra novos refazer.

Após ela meu corpo dissolver
No turbilhão dos átomos gigante,
Dêle a matéria, há pouco exuberante,
Dos três reinos irá parte fazer.

E viverei na geração vindoura...
E viverei na luz suave e terna
Do teu olhar de chama irredimida...

No mineral, no cacto ou na luzerna,
Noutros mundos que o Sol ridente doura,
Porque a Matéria é uma e sempre eterna.

(J. M.)

—«Sim, êsse soneto é verdadeiro»—proseguiu Antero. «Mas para o nosso caso, isto é, a Morte gerar vidas, transformando subitamente as ruínas da grandecidade, da cidade maldita, em paraísos de ventura, seria preciso que as gerações que sobrevivessem ao grande cataclismo que visionavas, estivessem educadas; que as escolas produzissem seres física e moralmente perfeitos, exuberantes de Vida, sedentos de Amor.

«Mesmo assim, essa destruição criminosa, afogando em sangue coortes de inocentes, seria escusada. A Evolução a faria lenta e gradualmente.

«E a Evolução a fará no dia em que deixarmos de cultivar ólios e a jorros disseminarmos o Amor, iluminando cérebros, lapidando caracteres e formando corações».

12-4-915.

João Mântua.

As comedias terminam geralmente pelo casamento; na vida real, quantas vezes o casamento não é começo duma verdadeira comedia?

A adesão... peralta

Antonio da Silva Pena Peralta, encontrando-se em Lisboa, onde veio comissionado pelos operários de Silves, para tratar da crise de trabalho e da carestia da vida, foi ao jornal onde Rates armou tenda, levar a sua adesão ao partido monárquico.

Este facto, aliás banal, — se ha anos para cá as apostasias no campo anarquista teem se repetido tanto que já não causam espanto! — provocou um protesto, do qual vamos reproduzir, por simples documentação, a parte final. E' assim:

Em face do exposto vem a classe operaria de Silves declarar que já diante do ex.^{mo} anarquista significou o seu desprezo e incompatibilidade, recusando-se a aceitar-lhe os mais insignificantes serviços, e vem por meio da imprensa avisar todos os seus camaradas dêste mau procedimento e repelir toda e qualquer solidariedade com tão indigno sujeito, protestando contra a sua desgraçada atitude, que certamente será condenada por todas as classes operarias. — Pela Associação Corticeira, (aa) *Hermenegildo Thomas Ribeiro, Diogo dos Santos Caetano, João Silvestre, Antonio de Oliveira, Sebastião Marques.*

Opiniões alemãs

A proposito da paz, dividem-se as opiniões dos chefes da social-democracia alemã.

Assim, *Volfang Heine* diz: «Se ha socialistas que devem dar os primeiros passos para uma propaganda em favor da paz, incumbe esse dever, em primeiro lugar, aos socialistas franceses e ingleses.»

Mas *Benrstein* sustenta uma opinião oposta, dizendo:

«Os socialistas franceses estão numa situação completamente diferente da dos socialistas alemães. A guerra foi declarada ao seu paiz e importantes regiões do seu territorio nacional então ocupadas pelas tropas alemãs. Dêste modo é evidente que eles não poderiam, sem atentar contra o futuro da França, exprimir qualquer voto pela paz. E' a social-democracia alemã que incumbe dar os primeiros passos para uma acção em favor da paz.»

Figuras da Social

Esta secção do *Germinal*, em que pretendíamos dar noticia da vida dos principais socialistas das diversas escolas, épocas e paizes, vai ter o desenvolvimento que havíamos imaginado e que as pequenas dimensões do jornal não podiam dar-lhe. *Convenientemente desenvolvida, mais completa portanto, daqui em diante publicar-se-á em folhetos de 12 paginas, com uma ou duas illustrações, e de formato sempre igual, de modo a poderem ser reunidos em volumes.*

Para que todos possam receber pelo correio a nova publicação, cujo interesse não é necessario encarecer, abrimos para ella uma assinatura especial, com pagamento adiantado, por série de 6 folhetos, ao preço de 12 centavos cada série.

O primeiro folheto é consagrada *Eliseu Reclus* e será posto à venda no dia 1 de Maio, ao preço de 2 centavos. Oportunamente se fará a reprodução das figuras apparecidas no jornal.

Uma lição

Depois de não sabermos quanto tempo de hesitações, annunciados e contranunciados, lá sahio finalmente o famoso decreto da amnistia.

Vem, segundo se diz, para pacificar, estabelecer a concórdia entre a familia portuguesa.

Nesta familia, como em tantas outras, ha filhos e enteados; e para não fugir á regra, o governo entendeu que para a pacificação da familia não era preciso pôr em liberdade alguns trabalhadores que se encontram presos por chamados crimes sociaes.

Pode ser que se pacifique alguma coisa neste paiz com a recente amnistia. Mas o que com certeza acontece é ficar mais fundo o fosso que os governantes republicanos teem vindo cavando entre eles e o proletariado. E' verdade que se vae enchendo, pelo menos aparentemente, o fosso que os separava dos reaccionarios. Será compensação sufficiente? O governo por certo que assim o julga; o futuro nos dirá se assim é. Em todo o caso vai-se definindo cada vez melhor a situação: os privilegiados duma banda, os explorados da outra.

Classes bem separadas; está bem. Lucta de classes bem definida, e ainda estará melhor.

Inquilinos.

Como muita gente, por dolorosa experiencia, sabe, entre os proprietarios, classe social naturalmente indolente, no dizer de um dêles, contam-se os senhorios. Estes prestantes cidadãos defendem os seus interesses, o que ninguem lhes deve levar a mal, para o que se associam, pois a união faz a força.

Não sabemos se as vitimas, os inquilinos, estão ou não associadas; mas o que é certo é que até agora se teem contentado com as lamentações dos torturados, sem que alguma coisa de pratico surja para se diminuir a tortura.

Cremos que os senhorios são por toda a parte egualmente as mesmas sanguessugas; mas inquilinos como os portugueses, pacientes e doces ao castigo, não será facil encontrar.

Herdar foi sempre na familia humana, um dissolvente que incita a cupidez e faz desejar a morte.

Fialho d'Almeida.

Errico Malatesta

Em tempos de eleições

3.^a edição muito aumentada

25 ex. 35 centavos; 1 ex. 1 centavo
Pedidos á *Biblioteca a Vida*, rua Formosa, 242-2.^o, Porto — *A Sementeira*
Cais do Sodré, 88, Lisboa

Respigando

Afirmações que, em varias ocasiões e lugares, o imperador da Alemanha tem feito:

«Creio que para manter todos os nossos concidadãos unidos, todas as nossas classes, não ha senão um meio: a religião»

«Não ha bons soldados sem serem ao mesmo tempo bons cristãos».

Em 1890 proclama-se:

«Logar-tenente que Deus todo-poderoso designou para fazer applicar na terra as suas decisões.»

«No Imperio não ha senão um homem que tem o direito de mandar; sou eu.»

«Esmagarei todos os que se me atravessarem no caminho».

«Lembra-te, meu exercito, que és o povo escolhido por Deus. O espirito de Deus desceu sobre mim, porque eu sou o imperador alemão. Eu sou a espada de Jehovah, o seu representante, o representante do Altissimo. Desgraça e morte a todos que resistirem á minha vontade, que não creerem na minha missão, que accusarem de timidez o meu exercito! Os inimigos perecerão; Deus pede a sua destruição. Por mim, como seu intermediario, ordena-vos que obedecéis á sua vontade.»

Assim, ha muito tempo, fala Guilherme II; e quer as suas palavras sejam as dum louco, dum místico ou dum politico, só ha que admirar uma coisa: que êle tenha sido tomado a serio, obedecido, seguido como o verdadeiro, o autentico representante da nação alemã.

Que estranha psicologia a dêste povo, cheio de energia, onde abundam os sabios, os artistas, os tecnicos, sujeitando-se a semelhante criatura, submetendo se se não aplaudindo estas palavras, pelo Kaiser dirigidas aos recrutas de Potsdam, em 1891:

«Vós não tereis, daqui em diante, sendo um inimigo unico: o meu inimigo. Se alguma vez—do que Deus se não lembra—eu me vir obrigado a ordenar-vos que façais fogo sobre as vossas familias, ainda que seja sobre vossos irmãos e irmãs, sobre vosso pai e mãe, então lembrai-vos do vosso juramento.»

E' porque estas e outras coisas se diziam impunemente, que um alemão de alta categoria afirmava:

«A Alemanha não é um país que possui um exercito; é um exercito que possui um país.»

Foi talvez notando aquella impunidade, que Nietzsche dizia:

«Um homem deve ter alguém a quem possa obedecer implicitamente, — é a expressão dum sentimento alemão, uma dedução alemã, é a base de todo o ensino moral alemão.»

Façamos votos para que o povo alemão consiga libertar se dos seus senhores, para seu bem e para o bem do mundo.

Um sr. Guinon, diz no *Gaulois*, jornal monarchico francês:

«No dia em que não houvesse mais guerras o amor pela patria enfraqueceria, da mesma forma que nós amamos menos ardentemente uma mulher quando a amamos sem inquietação».

E diz tambem:

«Enquanto uma nação se engrandece pela habilidade, conserva-se uma nação de segunda ordem. E não passa á primeira categoria se não lhe ajuntar a força».

Primeira fase, guerra defensiva; segunda fase, guerra de represalias pelos crimes cometidos pelos invasores; terceira e actual fase, defender o imperialismo e a conquista guerreira, como um principio de equilibrio vital para os povos; a esta seguir-se-á a da reclamação de castigos para os que não cumpriam o credo. Mas nesta altura deve começar a alvarecer a fase da desillusão, para os cavalheiros que acordaram tarde para fazerem vingar resurreições de varios passados.

Amarus.

Congresso de Ferrol

Ao que diz a *Accion Libertaria* foi muito bem acolhida entre os elementos sindicalistas e anarquistas e tambem entre alguns socialistas, a iniciativa de celebrar em Ferrol, nos dias 30 do corrente, 2 e 1 de maio, um congresso internacional contra a guerra.

O Ateneu Sindicalista de Ferrol tem recebido inumeras adesões, não só de Barcelona, Madrid, Valencia e outros pontos da Espanha., como de Italia, Inglaterra, Holanda e França, cuja Confederação Geral do Trabalho se fará representar.

Conta-se tambem que no congresso tomam parte varios propagandistas portugueses, como Aurelio Quintanilha, Bartolomeu Constantino, Pinto Quartim, Alves Pereira, Joaquim Nogueira, etc.

De Lisboa enviam delegados ou fazem-se representar as seguintes agremiações: União dos Sindicatos Operarios, União Anarquista Comunista da Região do Sul, e Nucleo Juventude Sindicalista.

Corrigindo

No ultimo numero saiu um *suelto* com o titulo *Conservador*, quando nós escreveremos *Conservador...*, que é outra coisa; e no total dos adiantamentos á familia rial appareceu um f no lugar de um \$. Esse total é de 4.138:403\$219 rs.

PUBLICAÇÕES

Em tempo de eleições — O grupo editor da *Sementeira* vai publicar, em segunda edição correcta, este belo trabalho de Malatesta.

Biblioteca «Aurora» — Esta Biblioteca da Corunha acaba de publicar em um folheto de 16 paginas, a biografia de Bakunine, por Farga Pellicer, e dois escritos do biografado, e em um folheto de 19 paginas o trabalho de Kropotkine sobre a guerra, traduzido da tradução portugueza com o titulo — *La tramoya de las guerras*. O preço de cada folheto é de 10 centimos, e os pedidos devem ser feitos a Enrique Chás, Cordeleria, 50, 2.º — La Coruña, ou a Severino Alvarez — Kiosco «Escuela Moderna» — La Coruña.

A Tipografia — O n.º 4 desta publicação mensal, relativo ao mez corrente, é de 8 paginas e continua o relato minucioso das sessões da conferencia tipografica do fim do mes passado.

A Voz da Razão — Anuncia-se para o dia 1.º de maio o aparecimento de um jornal com este titulo, órgão do nucleo Juventude Libertaria, de Lisboa

Accion Libertaria — Reappareceu no dia 9 este semanario de Gijon que sempre lemos com interesse.

A' volta do mundo

Terça, 13

Japão — Em Shimonoski abatem umas galerias de uma mina de hulha, morrendo 300 operarios.

Quarta, 14

Italia — Em Milão é proclamada a greve, por motivo do procedimento da policia nas manifestações a favor da guerra.

Quinta, 15

Portugal — Os operarios da fabrica de conservas de peixe da firma Cristiano, de Lagos, declaram-se em greve.

Espanha — Declaram-se em greve os pintores e tipografos da Corunha.

Austria-Hungria — A Paris chegam noticias de graves tumultos em Praga, onde milhares de mulheres percorrem as ruas, gritando: «Abaixo a guerra! Abaixo o governo! Queremos comer!»

Sabado, 17

Austria-Hungria — Tumultos em Trento por causa da guerra, e em Pola por motivo da falta de pão.

Domingo, 18

Espanha — Em Bilbao dá-se a explosão de um alto forno, o qual fica destruido, ferindo e matando bastantes operarios.

Italia — Grande manifestação em Roma, ante o monumento de Bovio, defensor da aliança das nações latinas.

Segunda, 19

Portugal (Madeira) — No Funchal dá-se conflito entre parte da população da Camacha e a força armada, por causa da carestia do pão e da falta de trabalho.

Terça, 20

Portugal — O governo torna extensiva até á presente data a amnistia concedida pela lei de 22 de fevereiro de 1914, e revoga certos artigos da mesma lei, entre os quais o que expulsava do territorio da Republica, por um praso que não excedia 10 anos, Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho e mais nove conspiradores monarchicos.

VIDA ASSOCIATIVA

União Anarquista Comunista da Região do Sul — Deiberou confirmar a decisão de promover dois comicios no 1.º de Maio em Setubal e outros dois em Lisboa, a favor da paz, e convidar agrupados e não agrupados para a reunião magna que se realiza na sede do Nucleo Juventude Libertaria, hoje, 25, pelas 15 horas, a fim de se tomarem deliberações com o delegado Pinto Quartim ao congresso de Ferrol e na proxima semana lançar um manifesto ao paiz.

Reuniu o comité á hora e local do costume, tomando conhecimento duma moção e deliberando sobre diversos trabalhos a realizar sobre o congresso de Ferrol.

MOÇÃO

Considerando que as razões expostas pelo nosso camarada Bartolomeu Constantino, em não aceitar a deliberação da União em sessão magna de 11 para a representar no Congresso de Ferrol, são de bastante peso porque alega, 1.º — a falta de vestuario — simples mas decente, pela miseria em que vive; 2.º — que derivado da quasi sua cegueira e surdez em especial o inibe dar conta do seu lugar;

Considerando que no momento actual é da maxima utilidade para os trabalhadores a nossa representação directa ao mesmo congresso — o comité desta União resolve — 1.º apelar nos nossos jornaes, para anarquistas agrupados e não agrupados a prestarem a

sua solidariedade ao nosso camarada Bartolomeu Constantino. 2.º — a dar a nossa representação directa para o Congresso ao nosso camarada Pinto Quartim. Mas resolveu ativar mais e mais a propaganda a favor da paz e organização; a promover uma comissão no 1.º de Maio em Setubal e a 2 em Lisboa, e convocar todos os grupos e mais camaradas a uma reunião magna hoje Domingo, 25 pelas 15 horas na sede do Nucleo Juventude Libertaria, Trav. Agua Flor, 55-1.º afim de lhe ser presente o delegado Pinto Quartim, e rogar a todos os camaradas que tenham listas de donativos para o congresso de Londres a entregalas no local abaixo assignado, que os donativos para o Revolucionario B. Constantino sejam entregues na redação «d'Aurora e Germinal»; a Alberto das Neves — Sacavém; Adolfo Nunes R. da paz e que não esqueçam tambem o opêlo feito na «Aurora» a favor de Joaquim Carreira e Amiano Antonio Siiva, presos no Limoeiro. Na p. semana sairá um manifesto ao paiz, sobre a paz. Qualquer donativo e correspondencia pode ser dirigida a Bernardino dos Santos, R. S. Jeronimo, 58 Alcantara.

O COMITÉ.

União dos Sindicatos Operarios — Reuniu no dia 18 a assembleia de delegados. Como o delegado ao Congresso de Ferrol não tivesse prontos os seus trabalhos para apresentar, ficou resolvido que os apresente na proxima reunião.

O delegado dos pedreiros fez um comunicado acerca de nas obras do edificio da Voz do Operario não sere estabelecido o horario de 8 horas de trabalho.

O secretario geral comunicou que o delegado da sua classe á Bolsa de Trabalho pede para que no dia 22 reunam na sede da União todos os delegados das Associações á mesma Bolsa, visto ela ir reabrir, para combinar qual a orientação a seguir.

A assembleia de delegados reúne amanhã, 26, ás 21 horas, para ouvir as opiniões e trabalhos do delegado que irá ao Congresso Internacional de Ferrol e tratar da legalidade ou illegalidade do delegado dos Inscritos Maritimos a esta União.

Sindicato Ferroviario — Como tinhamos noticiado, realizaram-se nos dias 11 e 18, com grande concorrencia e brilho e muito entusiasmo, as festas da inauguração da nova sede social e as do 3.º aniversario desta agremiação. Não nos tendo sido possivel assistir, daqui saudamos o Sindicato pelos dois factos.

Refinadores de Assucar — No dia 18 reuniram-se numerosos operarios desta industria, tanto mecanicos como manuais, e resolveram a fusão das suas duas associações, nomeando uma comissão para elaborar os respectivos estatutos.

Em proveito do "Germinal"

Foram-nos oferecidos

e encontram-se á venda na nossa administração as seguintes publicações:

- A Anarquia, por E. Malatesta (2.ª edição) .. 5 cent.
- Le Saliariat, por P. Kropotkine 2 "
- Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave..... 2 "
- Le Parlamentarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot 2 "